



GRANDE ANGULAR *Carrapateira*

A costa do coral

Em tempos, a Península Ibérica foi uma ilha em latitudes mais próximas do equador.

Em terra, reinavam os dinossauros.

No mar, havia corais como estes.

Captada no mar Vermelho, esta imagem poderia representar um mar de coral na costa atlântica algarvia no Jurássico Superior. Há 150 milhões de anos, a Ibéria era radicalmente diferente.

Texto e fotografias de Luís Quinta

No porto do Pontal da Carrapateira, os pescadores mais velhos costumam entreter os turistas crédulos com a lenda dos monstros marinhos. Contam que, em certos dias do ano, emergem das águas desta aldeia do concelho de Aljezur monstros marinhos capazes de jorrar água até ao céu. A lenda não é despicienda. Terá sido inspirada pelas rotas de cetáceos que por aqui passavam há algumas gerações e pelas arribas que delimitam a maioria das praias, repletas de fósseis, que remetem para o passado marinho da aldeia algarvia.

Os poucos banhistas que se espriam ao sol de Primavera nas praias a sul da baía do Palheiro não ousam prolongar por mais do que alguns segundos o banho de mar nestas águas a 17°C. Tiritando de frio, dificilmente acreditariam que ali perto os fundos rochosos, hoje cobertos de algas e limos finos, já foram em tempos um mar de coral. E, no entanto, as falésias da região contêm várias “páginas” da história da Terra de há 150 milhões de anos. Essas páginas são facilmente identificáveis, pois, em muitas situações, possuem cores distintas (ocre, vermelho, violeta, bege ou quase branco), reveladoras de episódios relevantes do Jurássico Superior.

O geólogo alemão Stefan Rosendahl já aqui esteve dezenas de vezes. Chegou a Portugal em 1983 para concluir o doutoramento em ambientes coralíferos do Jurássico Superior e nunca mais partiu. Docente de Biónica na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, possui uma narrativa já testada para ultrapassar a estranheza dos interlocutores quando lhes conta que existiram corais na Carrapateira.

“Não pense nos recifes em forma de cúpula dos documentários. Aqui existia um tapete plano de corais”, diz. “O nível da água era muito estável. Quando este aumenta ou o fundo desce, os corais formam cúpulas. Aqui não sucedia isso. Eles estariam sempre sob o nível da maré, em zonas com luminosidade, em simbiose com as algas, que lhes forneciam energia e oxigénio”.



As rochas da falésia (em cima) datam de há cerca de 150 milhões de anos. À esquerda, alguns exemplares de fósseis de corais recolhidos recentemente na Carrapateira. Houve campanhas de prospecção desde o final do século XIX. O suíço Paul Choffat terá sido o primeiro a recolher estes vestígios.

As provas desse passado ainda existem. No topo das arribas, enterrados na areia fina ou incrustados na rocha, há milhares de fragmentos de coral. “No final do Jurássico, esta porção de terra estava em latitudes mais a sul, equivalentes às das actuais Caraíbas”, explica Stefan Rosendahl. “Na Alemanha também havia corais. Já pensou nisso? Corais tropicais no Norte da Alemanha? Toda esta região ficava mais perto do equador do que hoje. As temperaturas do mar e da superfície eram superiores às actuais. No que hoje chamamos Carrapateira, existiria uma zona costeira tropical com uma planície de coral adjacente. As águas cristalinas e quentes estariam repletas de seres típicos dos mares tropicais.” Pela região, deambulavam invertebrados, como as estrelas-do-mar, os ouriços-do-mar, as amêijoas ou búzios, pequenos vertebrados e até grandes vertebrados como os dinossauros.

Muitos vestígios fósseis encontram-se no Museu Geológico do Laboratório Nacional de Energia e Geologia. Miguel Ramalho, o actual director, co-assinou a carta geológica da Carrapateira na década de 1980 e lembra que esta zona foi muito estudada no século XX. Em 1904-05, Frédéric Koby escreveu sobre a fauna jurássica portuguesa, estudando os materiais colhidos por Paul Choffat. “O geólogo suíço enviou-lhe 84 amostras e, à distância, o grande geólogo francês estudou-as e publicou. Descobriu na altura 23 novas espécies”, explica.

Fósseis de corais existem em várias regiões de Portugal, mas para Stefan Rosendahl, “na Carrapateira, existe a fauna mais valiosa deste período no Algarve. Durante a minha investigação, encontrei 48 espécies só aqui. A título de comparação, identifiquei 100 para todo o Algarve”.

Mas não é só a biodiversidade do mar de coral que interessa aos geólogos. Os corais são bons indicadores para reconstituir a ecologia, pois fornecem dados sobre salinidade, temperatura, luminosidade, movimento de águas e profundidade. “Graças a eles, conseguimos imaginar como seria esta região há 150 milhões de anos: teria uma profundidade de até 20 metros, com luminosidade e fundos moles. Sabemo-lo porque alguns corais cresceram em cima de outros:

No Jurássico Superior existiu uma comunicação entre o oceano Neotetis e o oceano Pacífico através de uma corrente tropical que circundava o planeta. A abertura do sulco alpino foi provavelmente o motor que empurrou a Ibéria para as latitudes mais setentrionais da actualidade. Algumas falésias da costa algarvia atlântica (à direita) são repositórios de camadas representativas de há 150 milhões de anos.



Europa no Jurássico Superior



FONTES: STEFAN ROSENDAHL E "GEOLOGÍA DE ESPAÑA. UNA HISTORIA DE SEISCIENTOS MILLONES DE AÑOS", DE MELÉNDEZ HEVIA, 2004.

como o resto era fundo mole e eles precisavam de terreno sólido, sobreviveram no andar de cima quando o de baixo já era só uma estrutura morta”, diz Stefan. “Acima de tudo, a pequena dimensão dos corais da Carrapateira mostram-nos que este ambiente era bom mas não ideal.”

A erosão tem feito ruir grandes blocos de rocha directamente para o mar. Os corais voltam assim novamente para dentro de água mas desta vez em “versão fóssil”. Em pleno Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicen-

tina, vastas áreas do fundo marinho são hoje constituídas por grandes blocos de rocha.

Muito mudou deste então na Terra. A Ibéria deslocou-se para norte. O nível do mar subiu e desceu ao longo destes milhões de anos. Os movimentos verticais das placas facilitaram a dispersão dos depósitos de planícies de corais desde o topo da falésia até perto da linha de água.

Voltamos a olhar para a falésia. Ali estão, imóveis, alguns milhões de anos, ao alcance de uma curta escalada de dez minutos.